

A Genealogia do Poder em Foucault

Fabio Marques Ferreira Santos ¹

Resumo

Um estudo realizado com o objetivo de conhecer o significado da Genealogia do Poder em Foucault, compreendendo a verdade como um fato histórico e a construção do homem do ponto de vista ético e estético. Analisar as Formas de poder e a dimensão de sua ação, detectando, seus pontos frágeis e rompendo-os a partir de uma análise analítica do saber, dentro do contexto das relações sociais entre o homem e o Estado.

Palavras chave: Genealogia do poder em Foucault; Poder, Ética e Estética em Foucault; Saber e Poder.

“A psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia”.

Michel Foucault

A proposta nos remete a compreensão desafiadora de como este agente sem corpo domina os corpos. Assim é o poder! Uma coerção bruta que altera o sentido dos sentidos, o sentido dos desejos e o mundo em suas mínimas ações. Podemos constatar com perfeição essas idéias no filme “The corporation ²”.

¹ Fabio Marques Ferreira Santos, é graduado em Direito pela Universidade São Francisco, graduando em Filosofia pela Faculdade de São Bento, especialista em processo civil pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Extensão em direito empresarial pela EPD, especialista em Direito Empresarial pela Fadis, especializando em Direito Constitucional pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC), Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica, Mestrando em Filosofia Política pela Faculdade de São Bento e aluno regular no Curso de Especialização em Filosofia, Ciência e Tecnologia pela UFABC – Universidade Federal do ABC – SP. Atualmente milita como advogado consultivo e contencioso no escritório Ferreira Santos e Ferreira Advogados Associados, Professor de Direito da Pós Graduação – ESAMC – Sorocaba e Filosofia e Direito da Graduação – FAC – São Roque.

² “The Corporation” – Canadá 2003 – Realização: Jennifer Abbott e Mark Achbar. Considerando que, desde o século 18, as leis norte-americanas permitem que corporações possam ser regidas somente por uma pessoa, este documentário investiga seu comportamento, examinando esse modelo de organização em vários casos. Vencedor de 24 prêmios internacionais, 10 dos quais Prêmios do Público, THE CORPORATION analisa o nascimento e espetacular crescimento da instituição dominante dos nossos tempos. Através de excertos de imagens da cultura pop, publicidade, notícias de televisão e publicidade institucional, o filme evidencia a forma como as corporações se intrometeram nas nossas vidas. Usando o seu estatuto legal de “pessoa colectiva”, o filme coloca as corporações no divã do psiquiatra para lhes perguntar “que tipo de pessoa é?”. Provocador, Provoking, witty, sweepingly informative, The Corporation inclui cerca de 40 entrevistas com elementos de empresas e/ou críticos, nomeadamente Milton Friedman, Noam Chomsky, Naomi Klein (que também tem um documentário neste programa), e Michael Moore – mais autênticas confissões, “case studies” e estratégias para mudar.

Em Foucault podemos nos apropriar de seu entendimento sobre o poder em seus múltiplos aspectos, trazendo-o para nosso tempo e comprovando que ele continua o mesmo! Inexorável!

Foucault ao tratar de diversos assuntos em suas diferentes obras, tais como: Vigiar e Punir, Microfísica do Poder, Arqueologia do Saber, História da Sexualidade entre outras, consegue a partir de um trabalho arquivista, mostrar com muita propriedade um momento histórico em toda sua extensão. FOCAULT (2007, p. 168) afirma:

Que o trabalho que eu apresentei tenha tido este aspecto, ao mesmo tempo fragmentário, repetitivo e descontínuo, isto corresponde a algo que se poderia chamar de preguiça febril. Preguiça que afeta caracterialmente os amantes de biblioteca, de documentos, referências, dos escritos empoeirados e dos textos nunca lidos, dos livros que, logo que publicados, são guardados e dormem em prateleiras de onde só são tirados séculos depois; pesquisa que conviria muito bem à inércia profunda dos que professam um saber inútil, uma espécie de saber suntuoso, uma riqueza de novos ricos cujos signos exteriores estão localizados nas notas de rodapés das páginas.

Tanto para Nietzsche como para Foucault, a verdade é histórica. Por isso, a importância de seus trabalhos no sentido de nos auxiliar melhor na compreensão dos temas aqui abordados.

Podemos iniciar definindo a verdade como um efeito das relações do poder, em que se produz um saber, que na verdade é o conhecer de si e o cuidar de si, obtendo uma liberdade e seu exercício.

O homem é senhor de seu destino e responsável pela construção de sua vida, a sua moral é estética, ligada à arte, onde a construção depende de um processo de edificação, fazendo-nos lembrar Kierkegaard em sua segunda ética na relação do significativo, em que o indivíduo pelos seus atos cristaliza o seu agir ético.

As relações humanas são permeadas pelo poder, uma mistura heterogênea da opressão versus produção, disseminando-se no âmbito social, imposto por intermédio da disciplina, da tecnologia, e demais formas de instrumentalização, gerando um

confinamento do indivíduo, que não consegue se insurgir diante da complexidade sistêmica do poder.

O Estado agente do poder, ao barganhar com a sociedade, a terá como refém, isso, ao proporcionar acesso de vida, ao instituir um “garantismo” dirigido, criando uma teia de interesses e necessidades. Além de criar a partir de uma seleção de perfis, grupos e sub-grupos de enquadramento social, tangenciado dentro de um mecanicismo determinista, os resultados do indivíduo. Com essa idéia, provavelmente instaura-se um paradigma! Rompê-lo é possível?

Para responder a esta indagação, busca-se nas obras *Arqueologia do Saber* e *Microfísica do poder uma reflexão concisa*. Na primeira, o foco foi o tópico “Ciência e Saber” e na segunda “Genealogia e Poder”, alicerçando a pesquisa para a busca de uma resposta satisfatória e positiva aos que acreditam no poder do conhecimento como vaticinava Bacon.

Nesse momento, cabem as perguntas: Seria então outro poder? Ou simplesmente uma forma de demonstrar a estrutura física ou invisível do poder? O indivíduo nos últimos tempos se insurge contra o Estado, parafraseando Foucault, como se fosse uma conspiração dos dominados contra o Estado pela busca do saber.

Porém, o poder do Estado, de forma camuflada, responsabilizou-se por conceder um saber que pouco altera as condições da sociedade, traduzido de forma velada e simplificada em analfabetos funcionais.

A delinquência e a marginalização social foram por muito tempo ocultadas por uma erudição imposta pela classe criada pelo Estado, a qual clandestinamente foi denominada elite. Deste conflito, nasceram as lutas e um clamor calado de forma gradual pela classe que domina. Para Foucault conhecer a estrutura do passado e seu desenvolvimento denomina-se Genealogia, um instrumento de análise e diagnóstico.

O rompimento da hierarquia e das teorias são responsáveis em garantir que as classes não eruditas, pudessem se impor, ocorrendo um enfraquecimento do poder, onde

o conhecimento histórico propiciava a seus combatentes, compreender e traçar estratégias contra o sistema do poder.

Nesta linha de pensamento, cabe citar a obra *Microfísica do Poder* de FOUCAULT (2007, p. 171):

As genealogias não são, portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências. Não que reinvidiquem o direito lírico à ignorância ou ao não saber; não que se trate da recusa de saber ou de ativar ou ressaltar os prestígios de uma experiência imediata não ainda captada pelo saber. Trata-se da insurreição do saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.

Percebemos que a genealogia busca um poder de maneira a romper o condicionamento dado a determinados interesses, já que sempre foram mascarados, atendendo a interesses diversos e distintos da verdadeira essência do saber. Não que o saber seja uma força negativa, mas a destinação dada ao seu poderio faz das instituições, instrumentos de manobra do coletivo social, dessa forma advêm a ideia *da* quebra do poder centralizador.

Mas, isto por si só não garante o resultado de nossa indagação no sentido de rompimento do poder, ainda com base no pensamento de Foucault. É necessário definir o que deve ser neutralizado na ciência, garantindo o sucesso da genealogia diante de seu objetivo. Segundo FOUCAULT (2007, p. 172):

A genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico.

Dessa forma, o mapeamento da ciência segundo o saber relativo ao poder, se enfraquece dando suscetibilidade de ser combatido, mesmo que tenha como elo, o discurso teórico, unitário, formal e científico. Pensamos ainda, que o poder não pode ser enfrentado sem que antes tenha sido subsidiado pela genealogia. Podemos, então,

concluir que lutar contra o poder sem compreender sua estrutura seria inútil. Para exemplificar cabe citar o filme “Frances Farmer”.³

Podemos afirmar que o poder tem em sua estrutura um ponto que podemos denominar de “calcanhar de Aquiles” ponto este que se identificado a partir sistematicidade da genealogia consiga “libertar o saber da sujeição do saber” em suma libertar o poder, da coerção do poder como se o sistema tivesse criado um antídoto contra si mesmo garantindo assim, ao mesmo tempo a manifestação do poder e da liberdade do indivíduo.

A genealogia em face de seu procedimento tático conseguiu desvendar que as positivities geradas pela irradiação do poder não geram conhecimento. Por isso, o rompimento da estrutura é possível na medida em que o poder ao ser analisado de forma analítica não contenha uma mistura homogênea e sedimentada de conhecimento, e nem sem lacunas, onde a observação e a ação possam levar ao rompimento do poder. Para ilustrar esta inferência segue o trecho da obra *Arqueologia do Saber* (1972, pag. 219):

As positivities não caracterizam formas de conhecimento – quer sejam condições *a priori* e necessárias ou formas de racionalidades que puderam, por sua vez, ser empregadas pela história. Mas elas não definem tampouco o estados dos conhecimentos em um momento dado do tempo “... “Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos e enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas. Os elementos assim firmados não constituem uma ciência, com uma estrutura de idealidade definida; seu sistema de relações é, certamente, menos escrito; mas não são tampouco conhecimentos acumulados ao lado dos outros vindos de experiências, de tradições ou de descobertas heterogêneas e ligados somente pela identidade do sujeito que os detém.

Dessa maneira, o rompimento do poder se vê possível, na medida em que saibamos o que é realmente o saber. Aplicar as genealogias representa uma forma de neutralizar os saberes pífidos existentes nas ciências.

³ Frances (mesmo título no Brasil e em Portugal) é um filme estadunidense de 1982, do gênero drama, dirigido por Graeme Clifford e baseado na vida da atriz Frances Farmer. Em Seattle, na época da Grande Depressão nos Estados Unidos, Frances, uma jovem de dezesseis anos se destaca ao participar de um concurso literário. Com o passar do tempo, ela segue carreira como atriz de teatro, mas enfrenta resistência de sua mãe e acusações de ser comunista. Ao retornar de uma viagem à Rússia, ela vai trabalhar no cinema, mas se desentende com os executivos de Hollywood e sua vida vai se tornando um inferno e a principal causadora da sua desgraça é sua própria mãe.

O saber é necessário, porém, sua forma sórdida de disseminação é reprovável. Assim, o Estado não é absoluto na medida em que seu poder apresenta segmentações que enfraquecem sua estrutura. Elas são possíveis de visualização ao indivíduo que se afasta e compreende efetivamente seu funcionamento, garantido a sua libertação contra esta relação de força que lhe é imposta e opressora em decorrência de sua renúncia e surgimento de um Estado.

Referências Bibliográficas

Apontamentos de aulas expositivas do Professor Bruni do Curso de Mestrado da Faculdade de São Bento, São Paulo: 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24^a edição. São Paulo: Graal. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Vozes. 1972.